



## IMPOSTOS MUNICIPAIS

O sr. presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal veio em carta, na «Patria», defender a sua tarifa de preços sobre os generos exportados do concelho. Melhor fóra que nada tivesse dito sobre tão monumental escandalo.

Vejamos: A Varina publicou a sua tabela de preços, classificando as suas conservas, segundo a materia prima empregada e, dentro de cada classe, estabeleceu preços que pouco variam.

Assim—azeitonas, variando o preço do quilo entre 2\$160 reis e 2\$440 reis; aves, entre 1\$810 reis e 2\$860 reis cada 420 gramas; caça, entre 1\$310 reis e 3\$400 reis, cada 420 gramas; carnes, entre 2\$020 reis e 5\$300 reis, cada 240 gramas; e cada caixa com 100 latas sortidas, 311\$000 reis, etc.

A tarifa camararia não especifica qualquer classe de conserva e marca para tudo o preço de, por quilo 380 reis!

Quer na tarifa camararia quer na tabela da Varina não se fala em caixa, nem em deduções. Em ambos esses documentos se empregam as mesmas palavras:

«Conservas, 1 quilo, 380 reis» — diz a tarifa.

Aves: «borracho, lata de 420 gramas, 2\$28,—lata com azeitonas, 1\$810» — diz a tabela.

Nem a Varina estatue na sua tabela que o preço da caixa que resguarda as conservas entra no pezo para o preço das conservas, nem a tarifa da Camara diz que o preço de 380 reis é para se aplicar a conserva, incluindo o pezo da caixa.

Toda a gente sabe e compreendendo muito bem, que as caixas e todo o envolvero que forma a embalagem de qualquer mercadoria, não entra no preço do artigo que se vende, quando se ajusta a embalagem tem uma verba á parte—incorpora-se nas contas, mas nunca com preço do artigo.

E isto é bem facil de demonstrar. A tabela da Varina diz que o preço do lombo custa a lata de 1 quilo, 8\$110. Se a caixa que resguarda as latas entrasse no preço da conserva e pezando a caixa no dizer do sr. presidente da Camara 35 quilos, succedia que só a caixa custava ao compra-

dor 283\$850 reis, o que é um absurdo.

Por isso o preço da conserva é o que consta da tabela da Varina para o efeito da sua venda, e para o pagamento do imposto é o que consta da tarifa da Camara e o preço do imposto está na proporção minima de 1\$000 reis, preço dos grelos para 380 reis — o maximo de 8\$110 reis, preço de paio de lombo para 380 reis.

A monstruosa tarifa tendo uma tabela da unica fabrica de conservas do concelho não tinha que procurar media. O meio igual e o mais justo,—a unica cousa séria que teria a fazer para nem agravar nem mostrar favoritismos, seria dar a Camara o preço da tabela que os industriais mantinham: ou quando muito fazer nessa tabela uma redução que tivesse de aplicar e estabelecer para os outros artigos de exportação.

Mas foi o que não fez. A conserva da carne deu o preço de 380 reis por quilo quando a tabela dizia que esse preço é de por exemplo 7.380 reis —alegando o médio.

E foi á telha e applicou o preço de 250\$000 reis por milheiro, quando o preço médio das quatro qualidades de telha é de 190\$000 reis. E nem quiz saber do desconto de venda e outras deduções nesta especie de industria.

Na conserva, diz o sr. presidente da Camara, tem se a descontar as despesas resultantes da lata, solda, caixa, prego, arco de ferro. Falta acrescentar—ordenados dos empregados, contribuições, juro do capital empregado, dores de cabeça quando se recebe uma noticia má de qualquer mercado, etc.

Este genero de argumentar, é piramidal.

Nós, no valor da conserva, temos de pôr completamente de lado a embalagem, como acima fizemos, mas não assim a lata. Porque a lata é um elemento absolutamente integrante das conservas. Se as conservas tal como se apresentam no mercado, obtêm um preço elevado e precisamente porque só em lata completamente vedada se podem vender. Por isso a fabrica quando or-

ca, processos que o sr. dr. A. Tavares organisou como membro e presidente da comissão concelhia.

Esses homens anciosos por uma reparação, esses homens sedentos de justiça porque são vitimas duma famosa injustiça, ainda não disseram uma palavra sobre politica, nem sobre a acção politica do sr. dr. Tavares.

Está o sr. dr. Tavares ancioso por voltar para o romanso da sua casa e para o tratamento dos seus clientes; mas tambem as suas vitimas estavam anciosos por sair das prisões e só encontraram a liberdade quasi ao fim de dois anos, e difficilmente encontrarão a igualdade nas contribuições por virtude do processo violento que V. Ex.<sup>a</sup> e os seus amigos lhes prepararam.

Espera. Na politica entra-se quando se quer; mas, quando nela se assumiram tão graves responsabilidades como as que o sr. dr. Tavares para si tomou, só se sae da politica quando os adversarios consentem.

ganisa a sua tabela diz aves: borracho latas de 260 gramas 2.230 reis.

Se tivessem de atender apenas á materia prima ou designada que se vende—borracho, ave, então o quilo deste borracho não custaria 5.300 reis como a tabela da Varina menciona, mas muito mais de 12.000 reis por quilo visto que não só se tinha a descontar o peso da lata mas ainda o da agua ou calda que o acompanha o borracha e peso dos mais engredientes que compõem a conserva.

Já se vê que é um perfeito disparate o que sr. presidente diz na sua carta—«o imposto ad valorem recaí apenas sobre o que va dentro da lata».

Diz o sr. presidente que o preço da tarifa camararia para a conserva foi feita por um tecnico competentissimo.

Isto parece indicar que esse tecnico foi oferecido pela Varina—o que não acreditamos.

Esta empresa nunca desceria a entrar em semelhante... operação.

A Varina, pelos processos dignos de que sempre tem usado na nossa terra, está muito acima do que quer ensinar o sr. presidente da executiva.

Nem a gerencia da Varina quereria abrir um conflito com os industriais e comerciantes da nossa terra, creando para si uma posição de favor escandaloso numa coisa tal melindrosa como seja a cobrança dum imposto violento.

Não. Desde o principio deste malfadado imposto a Varina, sacrificando os seus lucros, chegou a empregar os esforços para pagar não 1 por cento dos seus generos exportados, mas até 1 e meio por cento tal como foi votado esse montrego da primeira vez.

Como se admitira para que essa importante empresa lançaria agora mão de sofismas grosseiros de expedientes improprios da sua gerencia, para se escusar a pagar o que a votação camararia mandava?

Nós repelimos essa insinuação aos dignos e correctissimos gerentes da Varina.

Temos muito mais que dizer mas—«Roma e Pavia não se fizeram num dia».

Parece e ainda bem que a repulsa que esse iniquo imposto suscita em todo o paiz pela forma escandalosa como, em quasi toda a parte vae sendo applicado, o atira ao chão, sendo a lei revogada.

Se assim fór e como é justo que seja, na nossa terra ficará perduravel, a memoria duma epoca fatidica em que um pequeno grupo de individuos, para favorecer uma clientela e para perseguir os seus adversarios, quiz algar-mar o commercio e a industria dum concelho inteiro, precisamente quando esse commercio e industria procuravam desenvolver e criar um grande movimento de progresso.

## IMPRESA PATRIA

### SECÇÃO DE PAPELARIA

Papel almasso, pautado e liso, branco e azul; Caixas com papel e envelopes, de diversas marcas. Papel comercial, fino, para maquina de escrever. Cartão em folha e cortado em diversos formatos. Papel de seda, em cores, etc., etc.

Executa cartões de visita, em branco e de luto, em 30 minutos; e todos os trabalhos no mais curto prazo de tempo. Perfeição e modicidade nos preços.

## Passa por lá muito bem

Vindo á imprensa ocupar-nos da questão da visita pascal, não foi nosso intuito atacar o sr. administrador, mas simplesmente apreciar a sua conducta que nos mereceu justos reparos.

Ao primeiro artigo succediam outros, contendo salutareas advertencias que muito aproveitariam ao futuro da sua carreira politica que em má hora iniciou.

Sendo como é s. ex.<sup>a</sup> um moço inteligente e preparado, supunhamos que aguentaria sem se desconcertar o embate das nossas criticas, feitas sem aze-dume e até com certa dose de bom humor incompativel com más vontades ou resentimentos de qualquer especie. Enganamos, porém. No sr. Pinho a irascibilidade ou arrebatamentos da inexperienced juventude venceram o equilibrio da inteligencia. E contra toda a expectativa fomos encontra-lo no ultimo numero da «Patria» longe, muito longe do unico campo onde podia ferir-se dignamente o duelo das nossas razões.

Trocando a logica pelo insulto e a discussão pela agressão, s. ex.<sup>a</sup> perdeu todo o direito a quaesquer satisfações, que da melhor vontade lhe dariamos, no interesse da verdade e da justiça. Ao adversario que foge, a unica honra que pode conferir-se, é virar-lhe as costas.

TRISTÃO.

## CONFLITO

Nem de longe nos queriamos referir ao conflito, que, na tarde de domingo passado, teve logar nas Pontes da Graça desta vila, se a «Patria» não publicasse umas cartas alusivas a esse facto.

Eis a historia: Vinha a «Patria» publicando uma serie de insultos, uns assinados com nome suposto e outros não, visando uma pessoa de familia do nosso amigo, sr. Francisco de Oliveira Belo. No numero anterior uma carta do sr. dr. Alberto Tavares continha um novo insulto.

Na tarde de domingo, encontrando-se o sr. Belo com o sr. dr. Tavares, nas Pontes da Graça, perguntou-lhe se tomava a responsabilidade daqueles insultos e, trocadas algumas palavras, travou-se um conflito entre os dois, que o sr. dr. Tavares resumiu pela seguinte forma, na sua queixa verbal ao cabo da Guarda Republicana, que estava servindo de comandante do posto:—«queixo-me deste senhor que me agrediu á bengalada e á sóco».

Apoz o conflito o sr. dr. Tavares, invocando a sua qualidade de capitão-medico e de presidente da Camara Municipal pediu a prisão do sr. F. Belo, e em seguida, quando ambos compareceram no quartel da Guarda, invocou essas mesmas qualidades para exigir do cabo comandante que o nosso amigo sr. Francisco Belo fosse enviado para a cadeia, sem que depezessem testemunhas que testeficassem crime, pois que a unica indicada, o sr. José Placido de Oliveira Ramos nada disse.

Apesar disso, o sr. Belo foi mandado para a cadeia escoltado por dois guardas de arma ao hombro, e esteve ali

retido até proximo das 11 horas e meia da noite que foi quando lá appareceu um guarda, a dizer ao carcereiro—«que o sr. capitão Leite fóra ao quartel da Guarda levar uma carta do sr. dr. Tavares a desistir da queixa e que por isso trazia ordem de soltura».

E a ordem resava assim:

«Em virtude do Ex.<sup>mo</sup> Sr. dr. Tavares ter-me comunicado, não desejava nada dos factos succedidos hoje com ele e com o preso que aí se encontra Francisco de Oliveira Belo, queira pôr em liberdade o mesmo, que ainda está no poder desta Guarda Nacional Republicana.

Quartel em Ovar, 1 de Maio de 1921.—O comandante do Posto, José Luiz Nunes da Silva, 2.<sup>o</sup> cabo n.<sup>o</sup> 75.»

Ai estão os factos apresentados na sua maior simplicidade e sem comentarios al-guns.

## AINDA A VISITA PASCAL

Snr. Redactor:

Bem contra meu proposito e vontade volto ás columnas da *Defeza* unicamente para restabelecer a verdade de certos factos que a «Patria» aponta e dos quais pretende tirar ilogicas conclusões em meu desfavor.

É certo que num dos primeiros anos do regimen da Separação—1912 e 1913—pedi directamente á administração do concelho autorisação para o compasso. Fi-lo, porém, a descoberto, em requerimento publico que deve estar arquivado na repartição respectiva. Não fiz nem tinha que fazer misterio do caso, porque a essa data ainda não havia opinião formada sobre se era ou não licito aos parocos solicitar tais licenças.

Posteriormente o consenso geral pronunciou-se pela negativa que foi consagrada pelo sr. Bispo no Boletim oficial da diocese. E', pois, claro que nenhuma contradição existe entre a minha attitude de hoje e a de ha nove ou dez anos.

Toda a questão se resume e estabelece assim:

Não podendo nem devendo os parocos pedir directamente a licença para o compasso e, facultando a lei a sua concessão a qualquer do povo, o sr. administrador, negando-a ao sr. Manoel José da Silva e exigindo como condição *sine qua non* um requerimento ou petição minha, de tres uma: ou não queria conceder a referida licença ou pretendia fazer politica com ela ou na mais inocente das hipoteses quiz dar-se á vaide de receber na sua repartição a homenagem dos abades do concelho.

Dê-lhe s. ex.<sup>a</sup> as voltas que quizer. Insulte, agrida, procure todos os meios, ainda os mais engenhosos, de iludir a questão. Se descer ao terreno da logica, ser-lhe-ha impossivel romper a rede farpada daquele triangulo.

S. Vicente, 4—5—21.

Oliveira Pinto.

homem entende que está no direito de exercer a sua actividade sem peias, a não ser aquelas que a lei lhe impõe; e mais entende que não hão de ser meia duzia de homens que os hão de esmagar.

O sr. dr. Alberto Tavares despede-se, em carta na «Patria», da politica pois está ancioso porque chegue o momento da minha libertação».

Isto diz o sr. dr. Tavares depois de ter experimentado umas pequenas contrariedades na politica.

Muito mais anciosos estavam nas penitenciarias á espera da sua libertação, que as grades da cadeia permiam, os presos politicos que haviam sido injustamente acusados pelas testemunhas que o sr. dr. A. Tavares ouvia e cujos processos preparava em segredo na administração do concelho; mais contrariados e anciosos de libertação estão aqueles homens que foram colectados em pesadas contribuições, sob acusação de auxiliarem a revolta monarquica.

POR VALEGA

Ainda o Legado

"Morais Ferreira,"

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do jornal *A Defeza*:

Como, a propósito do que aqui tenho dito sobre a extorsão que aos pobres de Valega, os usufrutuários dos bens que constituem o legado *Morais Ferreira*, não levando a efeito com a conivência da Junta da freguezia, proprietária dos mesmos bens (dizemos conivência porque o processo a seguir não era o que a Junta adotou), alguém que não teve a coragem de firmar o que escreveu, como eu tenho feito, ousasse dizer na «Patria» que os herdeiros do meu chamado Pai não tem cumprido a verba do seu testamento que manda dar um bode ou almoço a 25 pobres, todos os anos a quando da celebração do officio anual, no anniversario do seu passamento, o que não é verdade, mandei para o referido jornal «A Patria» a certidão autentica de que remeto copia e cuja publicação peço a V. Ex.<sup>a</sup> no seu conceituado jornal.

Por ela se vê o que se tem passado e é atestado por regedores cá da terra da parcialidade publica daquele jornal no tocante ao cumprimento do legado de meu falecido Pai.

Quanto a oscusa que a «Patria» dá de não publicar o documento e a minha carta em que solicitava a sua publicação, nada digo; o proceder da «Patria» é a lealdade jornalística interpretada como é de uso pelos jornais do seu partido.

Assim é que está bem *similis cum similibus*...

Certidão

«Guilherme Bressane Leite Perry, secretario da Administração do Concelho de Ovar:

Em conformidade do despacho que antecede, *Certifico*, que examinando os documentos juntos a processos de cumprimentos de legados pios arquivados nesta secretaria, consta que Avelino Rodrigues da Fonseca, solteiro, proprietario, do lugar de S. João de Valega, deste concelho, cumpriu o legado pio dum almoço a vinte e cinco pobres, daquela mesma freguezia, desde o ano de mil e novecentos e dezasseis a mil e novecentos e vinte um.

*Certifico* mais que os Regedores de Valega que passaram e assinaram os atestados do cumprimento do mesmo legado, foram de mil novecentos e dezasseis, mil novecentos e dezoito e mil novecentos e vinte José Maria da Silva Graça, de mil novecentos e dezanove Manoel Maria de Pinho, e em mil novecentos e vinte um Joaquim José da Fonseca.

O referido é verdade. Administração do Concelho de Ovar, 2 de Maio de 1921. E eu Guilherme Bressane Leite Perry, secretario que a escrevi e assino.»

«Sobre a deliberação da Junta da freguezia de Valega acerca do procedimento a seguir para com os usufrutuários dos bens dos pobres de Valega, não a discutirei por agora. Lembro apenas que os usufrutuários venderam cerca de cem pinheiros e que toda a gente sabe o seu valor nos tempos que vão correndo

e que quasi todos eles eram pinheiros de dar madeira e de boa qualidade.

O que é dos pobres é sagrado, portanto, senhores pécitos, avaliem com consciencia, avaliem como se fosse coisa sua, pois são pinheiros do patrimonio dos pobres, de nós todos, porquanto nenhum dos senhores nem eu podemos dizer que num futuro proximo ou remoto não necessitamos das esmolas do legado *Morais Ferreira*».

Assim o esperam os pobres e todos os filhos de Valega.

Oxalá, pois, que a sua esperança não seja desmentida e que tais pécitos, quem quer que sejam, não tenham de arrostar com as maldições dos desherdados da fortuna, quando nos transes do sofrimento lhes faltarem os medicamentos em que ha-de converter-se o preço dos pinheiros que agota os senhores vão avaliar.

Valega, 5-5-1921.

A. P.

Valega 6 de Maio

O sr. Borges de Pinho, apanhado para administrador do concelho no remanso do seu paeato logar de monitor no collegio do sr. padre Meireles, votou-se á tarefa ingrata de difamador e denunciante das pessoas com quem, havia dois dias ainda, trocava cumprimentos affectuosos, sorrisos amigaveis como produtos duma alma barata, aberta a todos os sentimentos generosos, brancos como o continente onde hoje vive.

E isto porquê? Por um logar de administrador que ninguém mais quiz, e por uma promessa de logar na Escola Primaria Superior onde se tem acoitado tudo quanto presta juramento de obediencia completa, cega ao dono e senhor das consciencias venais.

Não valia a pena, sr. Borges de Pinho, porque o caminho é escabroso e demasiado longo e pelo caminho vai-se deixando a pouco e pouco o brío, a honra e a dignidade, que, aqui na Europa, vale ainda alguma coisa, se fosse lá pela Africa, sr. Borges, tudo esquecia pela falta de noticias. Dosse continente negro donde se podem escrever as maiores patacoadas, não vem noticias e por isso cada sargento pode contar feitos de general e cada insignificante pode arvorar-se em moderno Serpa Pinto.

Aqui, embora o sr. Pinho, se vá acobertando debaixo de tantos nomes quantos os individuos que tem de atacar, não escapa ao justo castigo da sua venalidade.

E' tipico o que o sr. escreve a respeito de seu primo, que vive consigo paredes meias, só porque ele lhe voltou as costas e repugnou responder, no passado domingo, ao seu cumprimento. Para seu eterno castigo ha de rever-se nas suas palavras, tão impróprias do nome de Magriço com que se assinou:

«Perguntei aos meus botões porque bulas deixaram de lhe empastelar a casa, já que uma tipografia empastelou, em vez de só o mandarem tratar das bombas, sim, das bombas que foi um officio leve.»

E noutro logar: «E firme, imperturbavel, na sua cega submissão vai monologando um tanto alto: «tal e qual a saudosa traulitanea, em que lutei á sucupa» cabisbaixo atirando a pedra e escondendo a mão, para a felicidade do nosso rei.»

Isto é muito baixo, sr. Borges, isto é muito claro, sr. Pinho.

Um homem que vem denunciar um primo só porque com ele tem as relações cortadas, um homem que deseja que ao seu visinho lhe empastelem a casa denunciando-o falsamente como autor do empastelamento duma tipografia, mostra ter a alma mais negra do que os negros das terras por onde andou. Nenhum dos pretos com que o sr. Borges conviveu nos matos de Africa era capaz de usar de tais processos para se vingar dum parente.

Não é verdade, sr. Borges? Se não aprendeu esse procedimento no continente africano, porque nem mesmo as raças menos civilizadas toleram semelhantes processos de viver, também não o aprendeu no collegio do illustrado ex.<sup>mo</sup> Padre Meireles, que é uma casa de boa educação e onde se professam salutareis principios de moral.

Queremos antes crêr que o sr. Borges se desmoralizou pelo contrato que fez, porque, se ainda contra seu primo tinha o acicate do despeito a espieçar-lhe os maus sentimentos, contra o sr. abade de S. Vicente nada podia invocar, para, acobertando-se com o regedor daquela freguezia e simulando ataca-lo por dotar do mesmo regedor, praticou uma acção que se não desculpava. E' verdade que foi castigado como devia ser.

Mas, sr. Borges, ha acções que deprimem um homem e que por toda a vida o marcam. Isto de dizer que um homem empastelou uma tipografia e que lhe deviam destruir a casa—tudo uma falsa denuncia—nem qualquer homem, nem qualquer preto, o faz.

Se o preço é grande, a oferta pode não se cumprir. sr. Borges, pode supor que caminha para a escola superior e ir para... um bom logar nas nossas colonias.

Au revoir, sr. Borges. Pedimos-lhe, sr. Pinho, que não suje o nome de Magriço.

A. SILVA.

«A Esquina...»

Ex.<sup>mo</sup> Redactor do *A Defeza*:

Sobre o titulo acima, insere a «Patria» n.º 676 um artigo de ataque, que realmente merece certa atenção ao leitor, pela forma tórpe como foi concebido.

Não importando para o caso saber a quem são atingidas as frases deprimentes contidas no mesmo artigo, censuro com veemencia que o seu autor não procurasse com outra etimologia mais decente, alvejar o seu adversario!

E' a tal liberdade de pensamento em foco com o ideal ignorante, fazendo corar de vergonha o espirito educado no meio da decencia!...

Essa forma de ataque, que usam muitos dos nossos jornalistas, decerto, será olhada com desdém por quem cultiva a boa educação.

O jornalista que o sabe ser, procura stigmatizar um seu adversario com frases orna-das de moral, apontando assim ao publico os erros por ele cometidos e não vai abrir o sudario nojento de uma intelligencia educada com os preceitos de chulice, que só usa um mestre-escola, para prostituir o ideal de seus discipulos, afastando-os do ca-

minho da Honra e do Dever.

Para se poder avaliar os dotes intellectuais do articulista, que se desmandou da decencia jornalística, seria bom que se dignasse sair do anonimato, estampando publicamente o seu nome batizal e genealogico.

Assim não será considerado como a Onça, que, espreitando em silencio fatal e oculta a sua vitima, lança-lho as ferrosas garras para extorminar-lhe a existencia!

Tenho dito.

Ovar, 2 de Maio de 1921.

Artur Teofilo de Moura.

Noticiario

Casamento

Em 7 do passado mez real-sou-se o enlace matrimonial do nosso simpatico amigo sr. Antonio Pinto Lopes Palavra Junior com a interessante menina Maria do Carmo de Oliveira. Noivo e noiva são pessoas que bem merecem a felicidade que sonharam, pois que uma mutua bondade e nobres sentimentos de caracter os ligou para a vida que agora encetaram.

Aos actos civil e religioso testemunharam o sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, antigo intimo do pai do noivo, e a bondosa menina Rosa da Silva Pinto Palavra, irmã do noivo. Apoz estas cerimoniaes, o nosso bom amigo sr. João Pinto Lopes Palavra ofereceu um almoço na sua residencia, ao qual assistiram os srs. drs. Baptista, Descalço, Julio Vinagre, Manuel F. Lamas, Manuel da Fonseca Soares, Lucio Cordeiro e esposa, Padre Figueiredo, Francisco de Oliveira Manarte, Manuel Lopes Palavra e José Marques Ferreira.

Brindaram pelo auspicioso futuro dos noivos os srs. drs. Sobreira, Baptista e Descalço. Abraçando o nosso amigo João P. L. Palavra, desejamos aos noivos um venturoso porvir.

O S. João em Ovar

Realizam-se nos dias 23 e 24 de Junho proximo, as grandes festas ao S. João, as quais, atentas a boa vontade da Comissão, que é composta apenas pelos nossos amigos Americo Compadre e Antonio Godinho Marques, devem ser imponentissimas, pois que deve abrilhantar as grandes festas, pelo menos 3 bandas de musica, sendo uma regimental.

O Certamen de fogo é composto por 4 pirotecnicos dos mais afamados, entre eles o Castro, de Viana do Castelo; as illuminações que também são com abundancia, devem revestir grande imponencia.

Oxalá que o povo vareiro lhe saiba dar o devido valor, concorrendo com as suas esmolas para que aqueles nossos amigos não sofram muito mais do que o trabalho, o que já não é pouco.

Falecimentos

No dia 5 do corrente faleceu a sr.<sup>a</sup> Maria Marques da Silva, irmã das sr.<sup>as</sup> Antonia e Ana Marques da Silva e cunhada do sr. José Maria Dias de Rezende. Efectuou-se o seu enterro no dia

seguinte, á noite, sendo bastante concorrido.

A' numerosissima familia enlutada os nossos pezames.

—Tambem no dia 28 do passado mez faleceu, quasi de repente, o sr. Policarpo Soares de Souza, pai do sr. Antonio Soares de Souza, a quem enviamos sentidos pezames, assim como á demais familia enlutada. O seu funeral teve lugar no dia seguinte, com regular acompanhamento.

Pesca

O produto de pesca na nossa costa durante o mez findo foi o seguinte, na totalidade de 7.532\$35, assim descricionado: S. João Baptista, 3.207\$81; Senhora da Graça, 2.264\$60; Republica, 1.157\$55; Senhora do Socorro, 902\$35.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do 1.<sup>o</sup> officio, escrivão Coelho, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os herdeiros Adelino da Silva Soares e Maximiano da Silva Soares, ambos casados ausentes em França, em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de Manoel Joaquim Soares, que foi, da Lagoa de S. Miguel, desta villa e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 19 de Março de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. A. Serra.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

Editos de 30 dias

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Nô Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão Zagalo de Lima, correm editos de trinta dias, contados da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando o interessado Luiz de Pinho e Silva, casado, ausente em parte incerta do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de seu sogro José Maria Brandão, que foi morador no logar de Passô, freguezia de Valega, da dita comarca; e isto sem prejuizo do andamento do inventario.

Ovar, 19 de Abril de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. A. Serra.

O escrivão,

Angelo Zagalo de Lima.

# AVIZ

## Companhia Reseguradora Portuguesa

**SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA -- CAPITAL-1.000:000\$00 ESC.**

Autorizada pelo Governo em portaria de 29 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua de Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico-VIZA LISBOA

Telefones: Expediente, 3919—Administração, 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPANHA: Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa—Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.º

**SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:**—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

**Agencias no Paiz e Ilhas.**

**O Conselho de Administração:**

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa  
José da Costa Pereira, José Dias da Silva.

## Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica

— OVAR —

**ANGELO GONZALEZ**

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervéjas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para tacho e muitos outros artigos.

# ATLANTICA

**COMPANHIA DE SEGUROS**

**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

**Séde: Largo dos Loios, 92—PORTO**

Receita de 1914 (Esc.)..	36.988\$08,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601\$41
» de 1915 » ..	71.197\$29,5	» » em 1915..	25.903\$15
» de 1916 » ..	537.897\$94,3	» » em 1916..	153.470\$90
» de 1917 » ..	3.139.404\$23	» » em 1917..	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grêves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

**Conselho de Administração:**

Manoel Joaquim de Oliveira

Dr. José Maria Soares Vieira

Silvino Pinheiro de Magalhães

Dr. Leopoldo Correia Mourão

Jaime de Sousa

Directores delegados

**Agentes em todas as terras do paiz**

**Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo**

## BANCO NACIONAL ULTARMARINO

**OVAR**

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

## IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL

— OVAR —

Execução rápida e perfeita de

todos os trabalhos tipográficos.

Impressão a ouro, prata e côres

-ARTIGOS DE PAPELARIA-